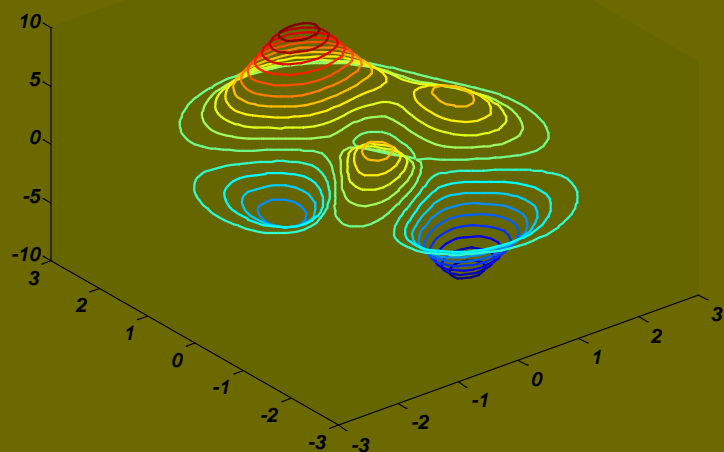


Centro de Economia Aplicada

# Boletim UFS de Conjuntura

Abril, 2013  
Ano 2 | Volume 2



Cenário Internacional  
Economia Brasileira  
Economia Sergipana



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**  
**NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ECONOMIA**

Avenida Marechal Rondon, S/N  
Jardim Rosa Elze, São Cristóvão/SE  
CEP: 49.100-000  
Telefones: (79) 2105-6774, (79) 2105-6811

O **Boletim UFS de Conjuntura** é uma publicação trimestral do Centro de Economia Aplicada da Universidade Federal de Sergipe. As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, o ponto de vista do Departamento de Economia ou do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Economia.

## Índice

<b>1. Cenário Internacional</b> .....	03
Atividade econômica .....	03
Comércio internacional .....	04
Preços .....	05
<b>2. Economia Brasileira</b> .....	06
Atividade econômica .....	06
Inflação e política monetária .....	10
Crédito .....	13
Setor externo .....	15
<b>3. Economia Sergipana</b> .....	17
Atividade econômica .....	17
Crédito .....	19
Balança comercial .....	20

### Equipe Técnica

Luiz Rogério de Camargos (coordenador)  
Antony Peter Mueller  
Fernanda Esperidião  
José Ricardo de Santana  
Marco Antonio Jorge  
Wagner Nóbrega

### Equipe de Apoio CACEF

Cléber Bispo Rodrigues

## 1. Cenário Internacional

Em vez de melhorar, as coisas pioram com o crescimento global. Na Área do Euro, o crescimento econômico está em território negativo e se agravou no último trimestre de 2012. Os Estados Unidos, que alcançaram crescimento expressivo no trimestre anterior, registraram crescimento de apenas 1,6 % no quarto trimestre de 2012. Na Alemanha, a taxa de crescimento econômico caiu abaixo de um por cento no terceiro e, 0,4 % no quarto trimestre de 2012, enquanto o Reino Unido expandiu apenas 0,25 % no mesmo período. O Japão, que apresentou alguma esperança no primeiro e segundo trimestre de 2012, igualmente decepcionou com taxas de crescimento de 0,4 % nos dois últimos trimestres de 2012. A taxa de crescimento do Grupo dos 20 é ligeiramente superior, mas também desacelerou-se de 3,3 % no último trimestre de 2011 e no primeiro trimestre de 2012 para 2,4 % no último trimestre de 2012. Tendo em conta que estas taxas baixas acontecem em meio de políticas maciças de estímulos fiscais e monetários, a perspectiva escurece ainda mais, porque quando, em algum momento no futuro, as taxas de crescimento se consolidarem, a política monetária será obrigada necessariamente restritiva. E, possivelmente, no início da fase de expansão a fim de evitar maior inflação. Os dados de produção industrial confirmam a perspectiva sombria que é fornecida pelos números de crescimento. Na Área do Euro, a produção industrial caiu para -2,9 % depois de -2,4 % no terceiro e de -2,2 % no segundo trimestre de 2012. O Japão, que sinalizou alguma luz no fim do túnel, quando, no segundo trimestre de 2012, a produção industrial registou crescimento de 4,8 %, mergulhou também no território negativo. Da mesma forma a economia americana, que mostrou alguns sinais de recuperação, registou apenas 2,6 % do aumento da produção industrial no último trimestre de 2012.

## 1.1 Atividade Econômica

**Tabela 1.1 - Produto Interno Bruto**

Países selecionados	Variação <sup>1/</sup> (%)				
	2011		2012		
	4ºTri	1ºTri	2ºTri	3ºTri	4ºTri
Estados Unidos	2,0	2,4	2,1	2,6	1,6
Área do Euro	0,6	-0,1	-0,5	-0,6	-0,9
Alemanha	1,9	1,2	1,0	0,9	0,4
Reino Unido	0,9	0,3	-0,2	0,2	0,25
Japão	-0,1	3,3	4,0	0,4	0,4
G20	3,3	3,3	3,0	2,7	2,4

Fonte: FMI

1/ Trimestre/ trimestre do ano anterior; séries com ajuste sazonal.

**Tabela 1.2 - Produção Industrial**

Países selecionados	Variação <sup>1/</sup> (%)				
	2011		2012		
	4ºTri	1ºTri	2ºTri	3ºTri	4ºTri
Estados Unidos	0,9	3,8	4,6	3,4	2,6
Área do Euro	-0,5	-1,8	-2,2	-2,4	-2,9
Alemanha	4,2	1,7	-0,5	-2,2	
Reino Unido	-2,7	-3,0	-2,7	-1,8	
Japão	-0,8	3,1	4,8	-2,9	-4,6

Fonte: FMI

1/ Trimestre/ trimestre do ano anterior; séries com ajuste sazonal.

## 1. Cenário Internacional

Nada mudou com a conta corrente dos Estados Unidos. Como nos períodos anteriores, os EUA mantêm um déficit em conta corrente de cerca de 3% com pequenas variações desde 2011. Diferentemente, a Área do Euro teve superávit em conta corrente de 1,7% no terceiro trimestre de 2012, principalmente devido à posição da Alemanha que registrou um aumento do seu superávit na conta corrente no quarto trimestre para 6,2% após 5,7 % no terceiro trimestre de 2012. A situação do Reino Unido é bastante problemática, porque acontece em uma situação em que o país está em recessão. Também há indícios de que o superávit da China está em uma tendência de queda, uma vez que diminuiu para metade desde o terceiro trimestre de 2011.

Com exceção da China, que mantém uma taxa de juros oficiais de 6 %, as taxas de juros em todas as outras grandes economias estão abaixo de um por cento. O Japão mantém uma taxa mínima de 0,10 % e a taxa nos Estados Unidos está apenas ligeiramente superior a 0,25 %. Na Área do Euro as taxas foram reduzidas de 1 % em setembro para 0,75 % em outubro de 2012, enquanto o Reino Unido manteve sua taxa em 0,50 % sem mudança ao longo dos últimos trimestres. Obviamente, estas baixas taxas de juros são inúteis quando se trata de estimular o crescimento econômico. Nunca houve uma situação em que todas as grandes economias praticaram uma política de taxas de juros extremamente baixas. No entanto, como tem sido o caso com o Japão, nas últimas duas décadas, a política monetária parece ter perdido o seu impacto como um mecanismo para estimular o crescimento econômico. Como é mostrado pelo caso do Japão, mesmo a combinação de taxa de juros extremamente baixa em conjunto com expansão fiscal maciça, não produz mais os efeitos desejados sobre o crescimento econômico.

## 1.2 Comércio Internacional

**Tabela 1.3 - Conta Corrente**

Países selecionados	% PIB				
	2011		2012		
	3ºTri	4ºTri	1ºTri	2ºTri	3ºTri
Estados Unidos	-3,4	-3,1	-2,8	-3,2	-3,2
Área do Euro	0,3	1,6	-0,2	0,6	1,7
Alemanha	5,1	7,2	6,3	5,7	6,2
Reino Unido	-3,0	-1,0	-3,3	-4,2	
Japão	2,6	0,8	1,7	1,0	1,4
China	3,0	2,5	1,4		

Fonte: FMI

**Tabela 1.4 - Taxas de juros oficiais**

Países selecionados	Média no período (% a.a)				
	2012				
	jul	ago	set	out	nov
Estados Unidos	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25
Área do Euro	1,25	1,00	1,00	0,75	0,75
Reino Unido	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50
Japão	0,10	0,10	0,10	0,10	0,10
China	6,56	6,56	6,56	6,00	6,00

Fonte: FMI

## 1. Cenário Internacional

Mesmo em face de grandes turbulências, como a crise na Grécia e no Chipre e a situação de risco de outros países da Área do Euro, como Portugal, Espanha e Itália, a taxa de câmbio do euro em relação ao dólar americano tem sido surpreendentemente estável. Em janeiro de 2013, o euro era cotado a 1,33, uma taxa que era ainda maior que um ano antes, quando, em janeiro de 2012, a taxa de câmbio foi de 1,29 dólares por euro. O mesmo pode ser dito sobre a libra esterlina, que também quase não se alterou com uma taxa de 1,60 em janeiro de 2013 em comparação com os meses anteriores. A China mantém uma política ativa de taxa de câmbio e assim a alta estabilidade do yuan não é nenhuma surpresa com uma taxa de câmbio do yuan por dólar de 6,28 em janeiro de 2013 em comparação com 6,32 yuan por dólar um ano antes. Mudanças mais notáveis ocorreram com o iene japonês e o real brasileiro. Ambas as moedas desvalorizaram em relação ao dólar de modo que diferente de janeiro de 2012, quando a taxa de câmbio iene por dólar era 76,98, é 89,16 em janeiro de 2013, enquanto para o Brasil a taxa de câmbio do real para o dólar foi 1,79 em janeiro de 2011 e chegou a 2,03 um ano mais tarde.

A tendência dos preços das commodities é mais diferenciada que no passado. O ouro baixou para 1.578,1 dólares por onça em fevereiro de 2013 depois sua alta de 1.711,3 em fevereiro de 2012. Ainda mais drástica foi a queda no preço do café que estava em 203,2 centavos de dólar por libra em fevereiro de 2012 e caiu para 142,7 centavos de dólar por libra em fevereiro de 2013. Açúcar também baixou em um ano de 25,7 centavos por libra em fevereiro de 2012 a 18,4 centavos de dólar por libra em fevereiro de 2013. É principalmente milho e trigo, que têm aumentado de preço. O petróleo tem sido relativamente estável desde agosto de 2012, quando se situou em 114,6 dólares por barril e é cotado a 111,4 dólares por barril em fevereiro de 2013.

Antony Peter Mueller

## 1.3 Preços

**Tabela 1.5 - Cotações do dólar**

Moedas selecionadas	Média no período				
	2012		2013		2013
	jan	abr	jul	out	jan
Dólar/Euro	1,29	1,32	1,23	1,30	1,33
Dólar/libra esterlina	1,55	1,60	1,56	1,61	1,60
Iene/dólar	76,98	81,49	78,98	78,97	89,16
Yuan/dólar	6,32	6,30	6,32	6,31	6,28
Real/dólar	1,79	1,85	2,03	2,03	2,03

Fonte: FMI

**Tabela 1.6 - Ouro e principais commodities**

	Cotações fim de período				
	2012		2013		2013
	fev	maio	ago	nov	fev
Ouro <sup>1/</sup> - NY	1711,3	1562,6	1685,3	1710,9	1578,1
Petróleo Brent <sup>2/</sup>	122,7	101,9	114,6	111,2	111,4
Milho <sup>3/</sup>	656,5	555,3	802,8	748,0	719,5
Café <sup>4/</sup>	203,2	160,7	164,6	142,1	142,7
Soja <sup>3/</sup>	1313,5	1340,0	1764,5	1438,8	1474,3
Açúcar <sup>4/</sup>	25,7	19,4	19,8	19,3	18,4
Trigo <sup>3/</sup>	664,3	643,8	870,0	844,8	707,8

Fonte: Bloomberg

1/US\$/oz-troy

2/US\$/barril

3/Cents \$/bu

4/Cents \$/lb

## 2. Economia Brasileira

### Comércio

Os indicadores de atividade econômica mostram uma recuperação do crescimento no trimestre encerrado em janeiro passado: o IBC-BR e o nível de atividade da indústria de transformação passam de 103,6 para 103,7 e de 98,2 para 100,7 (base: out/2009 = 100), respectivamente, já considerado o ajuste sazonal. Isso mostra que, apesar de estar perdendo fôlego, a expansão baseada no consumo persiste no trimestre citado.

Assim, o volume de vendas do comércio varejista cresceu 0,7% no trimestre encerrado em janeiro, em ritmo inferior ao crescimento verificado nos quatro trimestres anteriores, conforme ilustrado na tabela 2.1.

No presente trimestre todos os segmentos do comércio varejista apresentaram crescimento menor do que o obtido no trimestre anterior, à exceção do setor supermercadista. Os destaques negativos são os setores de combustíveis e lubrificantes e de materiais de escritório e informática, que apresentaram queda no trimestre, frente a uma significativa expansão no trimestre encerrado em outubro.

Já o comércio ampliado, que inclui as vendas de material de construção e veículos leves, teve um desempenho pífio, com expansão de 0,4%, em razão da expansão nas vendas de materiais de construção que cresceram 3,4% ainda em resposta às medidas de redução tributária para o setor adotadas pelo governo federal. Já o setor de veículos, outro beneficiado por medidas de desoneração tributária, apresentou frágil recuperação no trimestre encerrado em janeiro: 1,3%, indicando, como já afirmado no Boletim passado, que a renovação da frota de veículos leves parece estar chegando a seu limite.

José Ricardo de Santana  
Marco Antonio Jorge

## 2.1 Atividade Econômica

Tabela 2.1 - Volume de vendas no Comércio

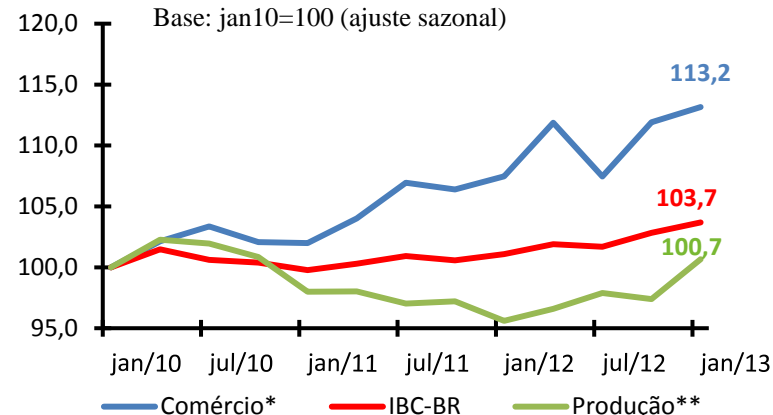
	Variação <sup>1/</sup> (%)				
	2012		2013		
	jan	abr	jul	out	jan
<b>Comércio varejista</b>	3,3	2,6	1,1	1,9	0,7
Combustíveis e lubrif.	2,3	3,0	1,7	3,5	-1,3
Hiper e supermercados	3,4	3,5	0,2	1,0	1,6
Móveis e eletro.	4,9	3,6	0,9	2,0	1,1
Eq. e mat. p/ esc., inf. e com.	11,6	-1,4	-6,2	5,2	-4,2
<b>Comércio ampliado</b>	4,2	1,0	4,0	1,3	0,4
Automóveis e motos	7,5	-2,7	11,6	-2,3	1,3
Material de construção	4,1	3,9	-3,5	3,7	3,4

Fonte: IBGE

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

Gráfico 2.1 - Indicadores de atividade

Base: jan10=100 (ajuste sazonal)



Fonte: IBGE, BCB

(\*) Volume de vendas no comércio varejista ampliado  
(\*\*) Indústria da transformação.

## 2. Economia Brasileira

### Indústria

A atividade industrial apresentou sinais estagnação nos indicadores de produção, embora tenha havido um pequeno acréscimo no grau de utilização da capacidade instalada.

A produção industrial interrompeu a tendência de recuperação que havia se iniciado no segundo semestre de 2012, mantendo-se estagnada em -0,1%, no trimestre de novembro/2012 a janeiro/2013. A situação mais crítica está na indústria extrativa, que voltou a apresentar crescimento negativo (-1,4%), em relação ao trimestre anterior. Na indústria de transformação a taxa permaneceu positiva (0,5%), trimestre anterior, como mostra a Tabela 2.2. Esse desempenho merece destaque em dois pontos. Em relação ao segmento de bens de capital, houve um crescimento de 2,5% no trimestre, mostrando uma tendência de reversão do comportamento negativo de 2012, que pode apontar para uma retomada futura de investimentos. Já o segmento de bens de consumo apresentou um crescimento pífio (0,5%), inferior inclusive ao observado em igual período do ano anterior, a despeito da continuidade do benefício da desoneração tributária.

Os dados do Gráfico 2.2 mostram uma maior grau de utilização da capacidade instalada, que fechou em 85,4%, no quarto trimestre, contra 83,6%, no trimestre anterior, situando-se em níveis equivalentes aos observados em igual trimestre de 2011, embora ainda inferiores a 2010. Esse comportamento foi puxado pelo setor de bens de consumo, que, no quarto trimestre de 2012, fechou em 86,9%. O setor de bens de capital também apresentou uma pequena ascensão no quarto trimestre, fechando em 82,1%. Mas o grau de utilização da capacidade instalada continua inferior ao observado nos trimestres equivalentes dos dois últimos anos.

José Ricardo de Santana  
Marco Antonio Jorge

## 2.1 Atividade Econômica

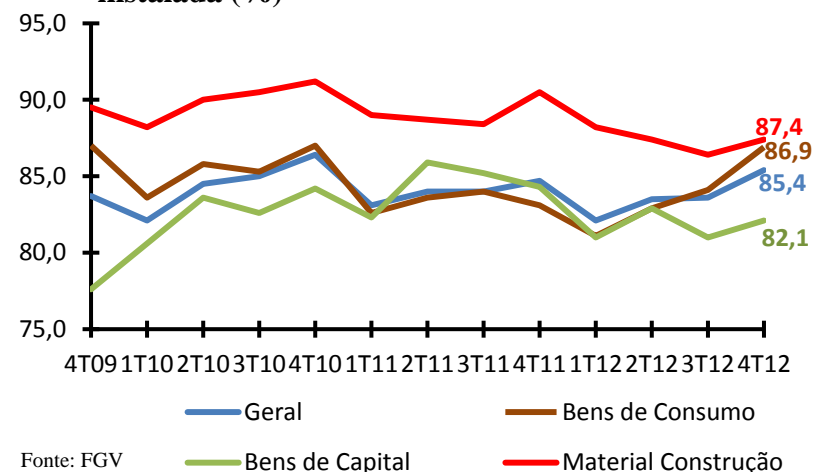
Tabela 2.2 - Produção Industrial

	Variação <sup>1/</sup> % no trimestre				
	2012		2013		
	jan	abr	jul	out	jan
<b>Indústria geral</b>	-0,9	-0,7	-0,8	2,1	-0,1
Extrativa	-2,0	1,6	-0,7	0,4	-1,4
Transformação	-0,4	-1,2	-0,8	2,2	0,5
<b>Por categoria de uso</b>					
Bens de capital	-5,6	-5,8	-0,2	1,4	2,5
Bens intermediários	-0,6	-0,4	-0,7	1,9	-0,3
Bens de consumo	1,2	0,3	-1,7	2,4	0,5
Duráveis	1,8	-3,1	2,9	4,6	0,0
Semi e não duráveis	0,7	0,6	-2,2	2,3	0,2

Fonte: IBGE

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

Gráfico 2.2 - Utilização da Capacidade instalada (%)



Fonte: FGV

## 2. Economia Brasileira

### Mercado de trabalho

Foram gerados no mês de fevereiro cerca de 123 mil empregos formais no País. Vale notar que esta cifra é bem superior ao número de postos de trabalho gerados em novembro de 2012 (46 mil), o que pode ser indicativo de alguma recuperação da atividade econômica brasileira, visto que a criação de empregos não costuma ser muito pujante no início do ano. Por outro lado, é o pior resultado para o mês de fevereiro desde 2009, o que não abre espaço para grande entusiasmo.

Em fevereiro deste ano, tal como no mesmo mês do ano anterior, o setor de serviços foi o principal empregador da economia, seguido pela indústria de transformação. O destaque negativo foi o comércio (- 10 mil vagas e também o único setor a apresentar desempenho pior na comparação com novembro passado).

No bimestre o setor de serviços foi o principal empregador, criando mais de 103 mil postos formais, seguido pela indústria de transformação (+ 79 mil). No total, no acumulado do ano (jan – fev) foram criadas 170,6 mil vagas.

A taxa de desemprego aberto calculada pelo IBGE em seis regiões metropolitanas fechou o mês em 5,6%, mostrando uma típica elevação em relação a novembro, mas praticamente estável frente ao mesmo período de 2011. O número de desempregados neste conjunto de regiões, de cerca de 1,36 milhão de indivíduos, é superior em 148 mil pessoas na comparação com novembro passado, refletindo a queda na ocupação (- 489 mil postos).

A massa salarial real média atingiu atingindo o pico de R\$ 54,7 bi em dezembro de 2012, cerca de 15% superior à cifra de dezembro (R\$ 47,5 bi) do ano anterior.

José Ricardo de Santana  
Marco Antonio Jorge

## 2.1 Atividade Econômica

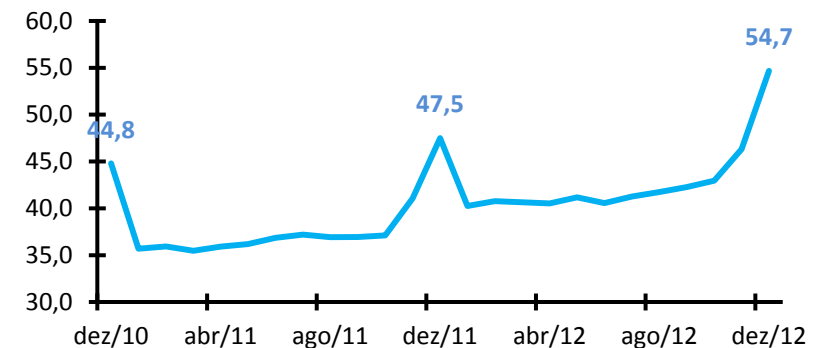
Tabela 2.3 - Evolução do mercado de trabalho

	2012				2013
	fev	mai	ago	nov	fev
<b>Emprego formal - Total<sup>1/</sup></b>	151	140	101	46	123
Indústria de transformação <sup>1/</sup>	20	20	16	-26	33
Construção civil <sup>1/</sup>	28	15	11	-42	16
Comércio <sup>1/</sup>	-7	10	31	110	-10
Serviços <sup>1/</sup>	93	45	54	42	82
Outros <sup>1/</sup>	17	50	-12	-37	3
Taxa de desemprego aberto (%)	5,7	5,8	5,3	4,9	5,6
Pessoal ocupado (em mil)	22.611	22.984	22.952	23.463	22.974
Pessoal desocupado (em mil)	1.378	1.414	1.287	1.208	1.356

Fonte: MTE, IBGE

1/ Saldo de postos de trabalho no período (em mil)

Gráfico 2.3 - Massa salarial média real  
(R\$ bilhões)



Fonte: IBGE

— Massa salarial



## 2. Economia Brasileira

### Produto Interno Bruto

As expectativas preocupantes quanto ao desempenho da economia brasileira foram confirmadas pelo baixo crescimento anual do PIB em 2012 e pela redução nos investimentos.

A taxa de crescimento anual do PIB, em 2012, ficou em 0,9%, apresentando uma tendência de desaceleração em todos os setores, em relação a 2011, como mostra a Tabela 2.4. Agropecuária (-2,3%) e indústria (-0,8%) apresentaram taxas negativas, a despeito dos esforços do governo em motivar o crescimento industrial. Somente os serviços apresentaram taxa positiva (1,7%).

Nos componentes da demanda agregada, todos os segmentos apresentaram crescimento menor do que o observado em 2011, exceto no consumo do governo. Os itens que sustentaram a manutenção do nível de atividade foram o consumo das famílias (3,1%) e o consumo do governo (3,2%). Observe-se, contudo, que a expansão do consumo das famílias perdeu força, em relação ao ano anterior. Um ponto significativo de preocupação continua sendo queda nos investimentos (FBCF), que apresentaram uma taxa negativa de -4,0%, ante a taxa de 7,0%, verificada em igual período de 2011.

No que se refere ao comportamento da poupança e do investimento, refletidos no Gráfico 2.4, observa-se uma retração do investimento em relação ao PIB, fechando com uma taxa de 17,4%, no último trimestre de 2012. Outro dado relevante é a queda na taxa de poupança, que fechou em 11,2% no quarto trimestre do ano. Esses dados chamam mais uma vez a atenção para a necessidade de atuar com medidas de estímulo aos investimentos produtivos.

José Ricardo de Santana  
Marco Antonio Jorge

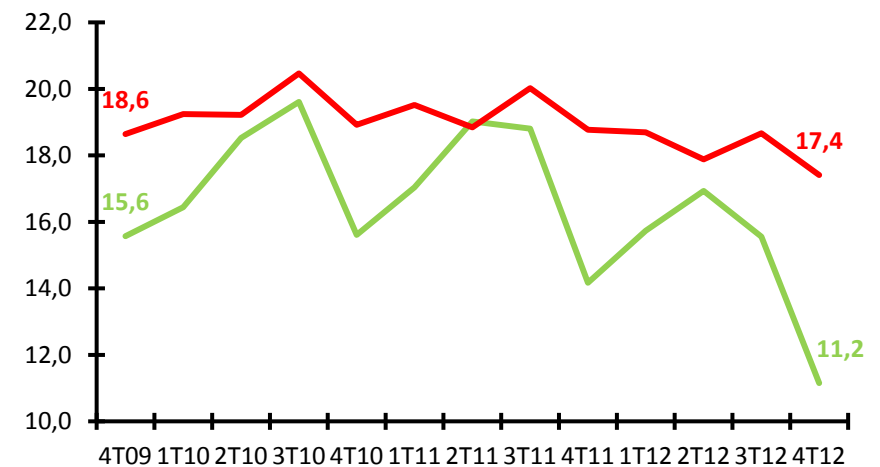
## 2.1 Atividade Econômica

Tabela 2.4 - Produto Interno Bruto

	Acumulado em 4 trimestres (%)				
	2011	2012			
	4ºTri	1ºTri	2ºTri	3ºTri	4ºTri
<b>PIB</b>	2,7	1,9	1,2	0,9	0,9
Agropecuária	3,9	0,8	1,5	0,8	-2,3
Indústria	1,6	0,7	-0,4	-0,9	-0,8
Serviços	2,7	2,2	1,6	1,5	1,7
Famílias	4,1	3,2	2,5	2,6	3,1
Governo	1,9	2,3	2,2	2,7	3,2
FBCF	4,7	2,1	-0,3	-2,4	-4,0
Exportações	4,5	5,1	2,8	0,9	0,5
Importações	9,7	8,2	5,0	1,7	0,2

Fonte: IBGE

Gráfico 2.4 - Poupança, Investimento  
(% PIB)



Fonte: IBGE

## 2. Economia Brasileira

### Preços

A variação mensal do IPCA em fevereiro (0,60%) recuou em relação a janeiro (0,86%). Entretanto, o índice de fevereiro já incorpora a queda da tarifa da energia elétrica, que, isoladamente, contribuiu com 0,48 pontos percentuais na redução do IPCA. O adiamento dos reajustes das tarifas de ônibus urbanos em São Paulo e Rio de Janeiro também contribuíram para o recuo do IPCA em fevereiro.

No acumulado em 12 meses, o IPCA de fevereiro alcançou 6,31%, ante 5,85% no mesmo mês de 2012, aproximando-se assim do teto da meta (6,5%). O avanço do IPCA reflete, principalmente, aumentos nos preços livres. Nos últimos doze meses, a média dos valores acumulados para os preços livres e monitorados, foram, respectivamente, 5,44% e 3,44%. O destaque foram os serviços não monitorados, cuja média alcançou 8,13%.

O crescimento da persistência da inflação também pode ser verificado nos núcleos do IPCA calculados pelo Banco Central. O núcleo que exclui dez itens do subgrupo alimentação no domicílio e combustível, no acumulado em 12 meses, alcançou 6,36% em fevereiro, ante 5,88% em janeiro. O núcleo calculado por médias aparadas com suavização, nas mesmas bases de comparação, variou 6,03% em fevereiro ante 5,90% em janeiro. Por sua vez, o núcleo por dupla ponderação alcançou 5,97% em fevereiro ante 5,88% em janeiro.

O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA-DI) registrou inflação de 0,09 % em fevereiro, após não apresentar variação em janeiro. O principal responsável por esta desaceleração foi o subgrupo alimentos processados, cuja taxa passou de 0,60% para -0,86%. No acumulado em 12 meses, variou 9,26%.

## 2.2 Inflação e Política Monetária

Tabela 2.5 - Preços ao consumidor

	Acumulado em 12 meses (%)				
	2012		2013		
	out	nov	dez	jan	fev
<b>IPCA</b>	5,45	5,53	5,84	6,15	6,31
<b>Livres</b>	6,23	6,23	6,56	7,20	7,86
Comercializáveis	4,00	4,10	4,47	5,54	6,43
Não comercializáveis	8,27	8,17	8,46	8,69	9,13
Serviços	7,99	8,24	8,75	8,61	8,66
<b>Monitorados</b>	3,23	3,50	3,65	2,94	1,53

Fonte: IBGE, BCB

Tabela 2.6 - IPCA - núcleos

	Acumulado em 12 meses (%)				
	2012		2013		
	out	nov	dez	jan	fev
Exclusão <sup>1/</sup>	4,96	5,16	5,56	5,88	6,36
Médias aparadas <sup>2/</sup>	5,71	5,65	5,63	5,90	6,03
Dupla ponderação <sup>3/</sup>	5,59	5,68	5,82	5,88	5,97

Fonte: IBGE, BCB

1/ Itens excluídos: 10 itens da alimentação no domicílio e combustíveis.

2/ Flutuações, de itens cujas variações concentram-se em poucos períodos do ano, são distribuídas ao longo de 12 meses. Após a suavização são excluídas as 20% maiores e 20% menores variações.

3/ Reponderação dos pesos originais utilizados na cesta do IPCA pelos respectivos graus de volatilidade relativa. Quanto maior a volatilidade, menor sua importância.

## 2. Economia Brasileira

O índice que calcula as variações de preços de bens agropecuários (IPA -agric.) teve queda de 0,48%, ante deflação de 1,62% no mês anterior. No acumulado em doze meses, alcançou 15,46% em fevereiro, e em janeiro, 16,02%.

Já a alta dos produtos industriais em janeiro (0,67%) desacelerou para 0,31% em fevereiro. No acumulado em 12 meses, variou de 6,65% em janeiro para 7,04% em fevereiro.

O Índice de Preços ao Produtor/Indústria de Transformação (IPP/IT), calculado pelo IBGE, variou -0,33% em fevereiro quando comparado a janeiro. Entre os itens que mais contribuíram para esse resultado, destacam-se alimentos (-0,51 p.p.) e refino de petróleo e produtos de álcool (0,17 p.p.). No acumulado em 12 meses, o índice variou de 7,64 em janeiro para 7,73 em fevereiro.

O IC-BR registrou queda de 1,82% em março, acumulando alta de 3,58% em 12 meses. A maior queda em relação a fevereiro, ocorreu nas commodities metálicas (6,5%), seguida das commodities de energia (2,5%) e dos produtos agropecuários (0,67%).

### Considerações

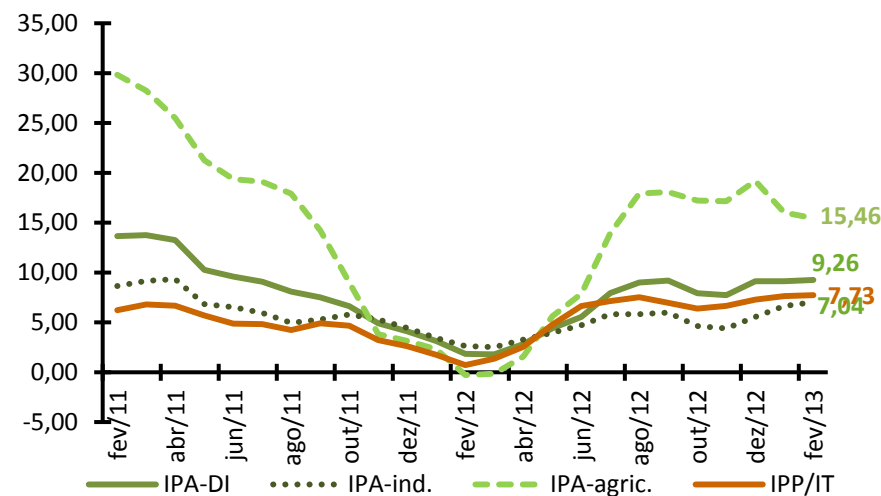
Os indicadores apontam persistência da inflação. Medidas oficiais de combate à inflação privilegiaram medidas pontuais de controle de preço. Mas a questão de fundo está na oferta (investimentos, infraestrutura, mão-de-obra, etc.). Sabidamente, nos últimos anos, a produtividade tem crescido significativamente menos do que o salário real. A combinação de renda e emprego em alta com recuperação da economia, vai continuar pressionando a inflação em 2013; principalmente os preços livres.

Luiz Rogério de Camargos

## 2.2 Inflação e Política Monetária

**Gráfico 2.5 - Preços no atacado**

% acumulado em 12 meses



Fonte: FGV, IBGE

**Tabela 2.7 - Índice de commodities**

	Acumulado em 12 meses (%)				
	2012		2013		
	nov	dez	jan	fev	mar
IC-Br	8,32	10,50	8,32	8,31	3,58
Agropecuária	7,18	8,83	5,96	6,12	3,40
Metal	12,06	19,75	16,68	13,76	4,20
Energia	10,34	9,43	11,85	13,84	4,28

Fontes: BCB

## 2. Economia Brasileira

### 2.2 Inflação e Política Monetária

#### Política monetária

O saldo médio dos meios de pagamento (M1) somou R\$290,5 bilhões em fevereiro de 2013, expandindo 11,2% em doze meses. Em relação à base monetária, o saldo médio diário alcançou R\$205 bilhões, crescendo 10,5% nas mesmas bases de comparação.

Em sua última decisão sobre a Selic (6 de março), o Copom decidiu mantê-la na mínima histórica de 7,25% ao ano pela terceira vez consecutiva. Entretanto, há uma mudança substancial na sinalização das condições monetárias. Ao invés da expressão anteriormente utilizada, “por um período de tempo suficientemente prolongado”, optou-se pela expressão: “o Copom irá acompanhar a evolução do cenário macroeconômico até sua próxima reunião, para então definir os próximos passos na sua estratégia de política monetária”.

Taxas de juros futuros para prazos mais longos cresceram em fevereiro. Os contratos de swap (DI) x Pré de 30 dias e de 360 dias fecharam, respectivamente, em 7,01% a.a. e 7,63% a.a., ante a 6,97% a.a. e 7,17% a.a. em novembro.

#### Considerações

Embora muitas vezes contraditórias, declarações oficiais até recentemente sinalizavam a defesa de uma política monetária anticíclica. A audiência pública do presidente do BC no Senado, ocorrida em 02/04, possivelmente represente um ponto de inflexão e a recondução do BC ao posto de autoridade oficial em assuntos de política monetária. Há sinais, emitidos pelo próprio BC, de que a Selic será elevada. Mas será suficiente? Ruídos e incertezas já estão instalados entre os agentes do mercado. Segundo o relatório Focus de 28/03, a expectativa do mercado é que a taxa, hoje em 7,25%, feche o ano em 8,50%.

Tabela 2.8 - Base monetária e meios de pagamento

	Variação (%) em 12 meses				
	2012		2013		
	fev	mai	ago	nov	fev
<b>Base monetária<sup>1/</sup></b>	5,8	7,0	9,6	10,3	10,5
Papel moeda emitido	10,2	10,8	12,3	11,7	11,5
Reservas bancárias	-7,3	-4,3	0,8	5,4	6,9
<b>Meios de pagamento<sup>1/</sup></b>	1,6	3,6	6,2	9,0	11,2
Papel moeda em poder do público	9,3	10,9	12,7	12,9	11,5
Depósitos à vista	-4,3	-1,9	1,0	5,7	10,9

Fonte: Banco Central

1/Média nos dias úteis do mês

Tabela 2.9 - Taxas de juros

	(% a.a)				
	2012		2013		
	fev	mai	ago	nov	fev
SELIC overnight	7,23	7,14	7,16	7,11	7,13
Swap DI x Pré 30 dias	7,14	7,10	7,03	6,97	7,01
Swap DI x Pré 360 dias	7,29	7,26	7,08	7,17	7,63

Fontes: Banco Central e BM&F

## 2. Economia Brasileira

### Crédito

O saldo total de crédito da economia alcançou 53,5% do PIB em dezembro, com crescimento real em 12 meses de 11,3%. Observa-se que o crédito direcionado cresce a uma taxa superior à do crédito livre, em razão tanto da expansão do crédito imobiliário quanto do crédito concedido pelo BNDES. No ano de 2012 o crédito direcionado expandiu o equivalente a 2,3 p.p do PIB; em 12 meses, seu crescimento real alcançou 15,2%. Nas mesmas bases de comparação, o crédito livre, expandiu 2,1 p.p. e cresceu 9,2%.

Sob a ótica do saldo por controle de capital, destaca-se crescimento expressivo do crédito público. Na comparação interanual, expandiu 20,8% em janeiro. Por outro lado, e nas mesmas bases de comparação, as instituições privadas nacionais e estrangeiras, cresceram, respectivamente, 0,3% e 2,8%.

Examinando-se o saldo por atividade econômica, chama a atenção o crescimento do setor de habitação, que em três anos mais do que triplicou sua participação em relação ao PIB. Não menos significativo, foi o crescimento voltado às pessoas físicas.

Pelo lado das concessões de crédito livre às pessoas físicas, destaca-se o cartão de crédito, que em janeiro, representou 55,9% do total. Nas mesmas de comparação, o cheque especial e crédito consignado, representaram, respectivamente, 20,9% e 14,8%.

Na modalidade de crédito direcionado para pessoas físicas, destaca-se o financiamento imobiliário que totalizou 67,3% do volume total em janeiro. Já no crédito direcionado voltado às pessoas físicas, observa-se a participação expressiva dos recursos do BNDES que representou 66,4% do total em janeiro.

## 2.3 Crédito

Tabela 2.10 - Evolução do Crédito

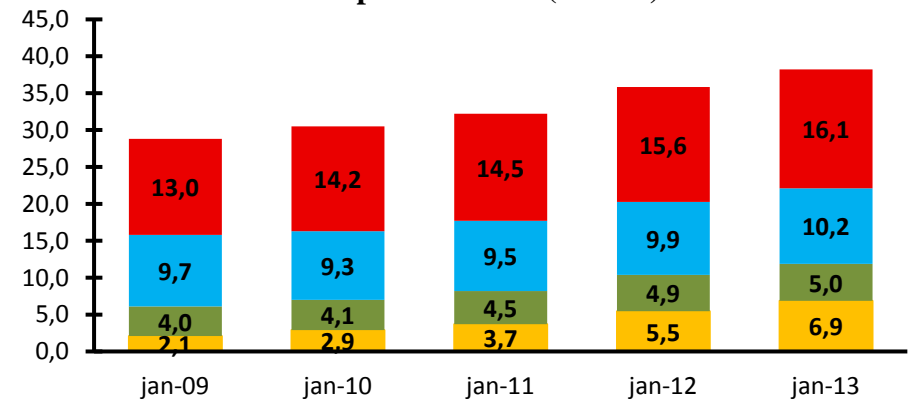
	2012				R\$ bilhões	
	set	out	nov	dez	Varição real (%) 3 meses <sup>1/</sup>	12 meses <sup>2/</sup>
<b>Crédito Total</b>	2.237,8	2.269,4	2.304,3	2.359,6	2,7	11,3
<b>Direcionados</b>	814,3	831,0	848,9	873,8	4,4	15,2
BNDES	446,1	452,1	460,8	471,8	2,2	9,1
Rural	113,1	117,2	120,5	127,0	9,3	12,1
Habitação	237,7	244,1	249,8	256,7	6,2	32,0
Outros	17,3	17,6	17,9	18,4	3,8	9,4
<b>Livres</b>	1.423,5	1.438,3	1.455,4	1.485,9	1,7	9,2
Pessoal física	703,9	711,6	718,1	724,3	0,8	8,1
Pessoal jurídica	719,7	726,7	737,3	761,6	2,6	10,4

Fonte: Banco Central

1/ Taxa de crescimento real em relação a jul-set12 (deflator, IPCA)

2/ Taxa de crescimento real em relação a jan-dez11 (deflator, IPCA)

Gráfico 2.6 - Crédito por atividade (% PIB)



Fonte: BCB

■ Habitação ■ Comércio ■ Indústria ■ PF

## 2. Economia Brasileira

A razão entre endividamento das famílias e a renda acumulada nos últimos 12 meses permaneceu praticamente constante nos últimos cinco meses, tendo uma leve alta (0,15 p.p.) entre dezembro e janeiro de 2013.

O serviço das dívidas (amortização + juros), cuja proporção da renda mensal alcançou 23% em janeiro de 2012, caiu para 21,7% em janeiro do ano corrente. Nas mesmas bases de comparação, a amortização caiu 0,8 p.p e os juros reduziram em 0,5 p.p.

Nas operações de crédito com recursos livres para pessoas físicas, observa-se uma pequena queda tanto na taxa de inadimplência quanto na taxa de juros no trimestre encerrado em fevereiro. Entretanto, na comparação mensal, a taxa de juros elevou-se 0.5 p.p. em fevereiro.

### Considerações

Para 2013, a expectativa é de crescimento mais moderado, em razão de um maior aperto monetário, da inadimplência e do endividamento das famílias (embora estabilizados, estão em níveis elevados). Possivelmente também, observar-se-á o mesmo descompasso ocorrido em 2012: crescimento dos bancos públicos muito superior ao dos bancos privados.

Cenário otimista: maior proporção do crédito para investimento (embora os financiamentos do BNDES tenham sido expressivos, a taxa de investimento mantém-se em torno de 18%) e redução dos níveis de inadimplência e de endividamento das famílias.

Cenário pessimista: restrições na oferta de crédito dos bancos públicos (rebaixamento da nota de risco de crédito do BNDES e da CEF pela agência Moody's) e perda de dinamismo do mercado de trabalho, comprometendo a capacidade de pagamento das famílias.

Luiz Rogério de Camargos

## 2.3 Crédito

Gráfico 2.7: Endividamento e Serviço das Dívidas (%)

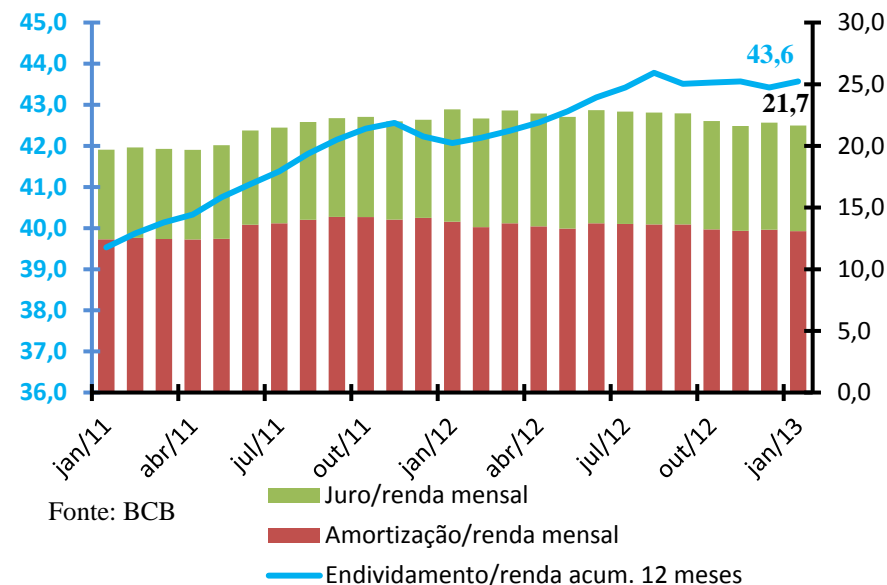


Tabela 2.11 - Operações de crédito com recursos livres

	Média no trimestre				
	2012			2013	
	fev	mai	ago	nov	fev
Taxa de inadimplência(%)	7,5	7,7	7,9	7,9	7,8
<b>PF</b> Taxa média de juros (% a.a.)	44,8	41,7	36,1	35,3	34,8
Prazo médio (dias)	599	606	611	621	636
Taxa de inadimplência(%)	4,00	4,10	4,03	4,07	3,80
<b>PJ</b> Taxa média de juros (% a.a.)	28,5	26,3	23,5	22,1	19,5
Prazo médio (dias)	404	402	407	425	436

Fonte: BCB

## 2. Economia Brasileira

A Balança Comercial registrou déficit de US\$5,3 bilhões nos dois primeiros meses do ano, contrário ao ocorrido no mesmo período em 2012, que registrou um superávit de US\$399 milhões. A corrente de comércio somou US\$68,3 bilhões, elevando-se 0,6% no bimestre. Com relação às médias diárias das exportações houve um recuo de 5,5% nos dois primeiros meses de 2013 comparado ao mesmo período de 2012. Já com relação às importações houve um aumento de 11,8% (elevação na aquisição de combustíveis e lubrificantes). Quanto aos fluxos comerciais, destacaram-se, no período, os aumentos nas transações com países do Oriente Médio, 36,3%; da Europa Oriental, 9,7%; e da África, 9,1%. A Ásia ainda é o principal destino das exportações brasileiras nos primeiros dois meses de 2013. De acordo com a Fundação Centro de estudos do Comércio Exterior (Funcex), a queda de 7,8% nas exportações entre jan/fev de 2013 comparado com o mesmo período de 2012 resultou de variações de (1,1%) nos preços e (6,4%) no quantum. Vale destacar que esse desempenho das exportações está relacionado com o preço das commodities agrícolas comercializadas pelo Brasil no exterior, que encerrou o período jan/março de 2013 com cotações médias inferiores às do quarto trimestre de 2012 no mercado internacional. Fazendo a mesma comparação de período, o aumento de 9,06% nas importações decorreu de (1,0%) nos preços e de 10,4% no quantum. A conta Transações Correntes apresentou um déficit de US\$17,9 bilhões nos dois primeiros meses de 2013 ante a US\$8,7 bilhões em 2012. Em 2012 essa mesma conta totalizou um déficit de US\$ 54,246 bilhões, o equivalente a 2,40% do Produto Interno Bruto (ver gráfico 2.10). Se observarmos o acumulado de fevereiro de 2012/2013 o déficit somou US\$63,5 bilhões, o equivalente a 2,79% do PIB. A alta do déficit é atribuída às remessas de lucros e dividendos de empresas multinacionais presentes no Brasil ao exterior e a deterioração do resultado da Balança Comercial.

## 2.5 Setor Externo

**Tabela 2.14 - Usos e Fontes**

Indicadores selecionados	US\$ milhões			
	2012		2013	
	Fev	Jan-fev	Fev	Jan-fev
<b>USOS</b>	-3.164,8	-13.163,5	-8.659,0	-22.988,4
<b>Transações correntes</b>	-1.729,3	-8.779,2	-6.625,3	-17.996,6
Balança comercial (FOB)	1.706,0	399,5	-1.277,8	-5.314,2
Exportação de bens	18.027,8	34.169,0	15.549,5	31.516,2
Importação de bens	-16.321,8	-33.769,5	-16.827,3	-36.830,3
Serviços e Rendas	-3.618,6	-9.557,6	-5.849,1	-13.372,5
Juros	-381,6	-2.005,0	-522,0	-2.335,0
Lucros e dividendos	-528,1	-1.509,6	-2.174,0	-4.242,0
Viagens internacionais	-1.129,0	-2.464,1	-1.235,9	-2.833,8
Demais	-1.579,9	-3.579,0	-1.917,2	-3.961,6
Transf. unilaterais correntes	183,3	378,9	501,6	690,0
Amortizações de médio e LP	-1.435,5	-4.384,3	-2.033,6	-4.991,9
<b>FONTES</b>	3.164,8	13.163,5	8.659,0	22.988,4
<b>Conta Capital</b>	81,8	191,7	52,2	171,1
Investimento estrangeiro direto	3.645,9	9.051,4	3.813,6	7.517,0
Inv. papéis domést. de LP e ações	518,8	5.368,3	2.961,7	6.675,2
Desembolsos de médio e LP	2.287,8	7.061,0	4.831,4	8.515,5
Ativos brasileiros no exterior	23,8	411,1	-813,7	-1.106,7
Curto prazo e demais	-1.568,2	-3.536,2	-309,8	635,2
Ativos de reservas	-1.408,5	-1.771,8	-1.864,5	-3.240,1

Fonte: BCB

## 2. Economia Brasileira

O saldo líquido das remessas de lucros e dividendos ficou negativo em US\$2,174 bilhões em fevereiro/2013, ante uma saída líquida de US\$528 bilhões verificada em igual mês em 2012. No acumulado do bimestre/2013, as remessas líquidas somaram US\$4,242 bilhões, ante US\$1,509 bilhões em 2012(aumento de 181%). Com relação aos gastos de brasileiros com viagens internacionais, cresceram 15% e atingiram US\$4,2 bilhões (jan/fev.2013 em relação 2012). As receitas de gastos de turistas estrangeiros no Brasil aumentaram 2,1% e somaram US\$1,3 bilhões (Valor Econômico). Em fevereiro, os Investimentos Estrangeiros Diretos no Brasil somaram US\$ 3,813 bilhões, um pouco acima do registrado em igual mês do ano passado US\$ 3,645 bilhões. No acumulado do ano até fevereiro, o IED somou US\$ 7,517 bilhões, o equivalente a 2,01% do PIB, contra US\$ 9,051 bilhões no mesmo período do ano passado. No acumulado em 12 meses até fevereiro, o IED está em US\$ 63,737 bilhões, o que corresponde a 2,80% do PIB, superando a necessidade de financiamento das transações correntes em US\$274 milhões. Os investimentos estrangeiros em papéis domésticos de LP e ações tiveram um aumento de 24% entre o período de jan/fev de 2012/2013, demonstrando que apesar da turbulência internacional, os estrangeiros aumentaram sua posição em ativos de renda variável brasileiros.

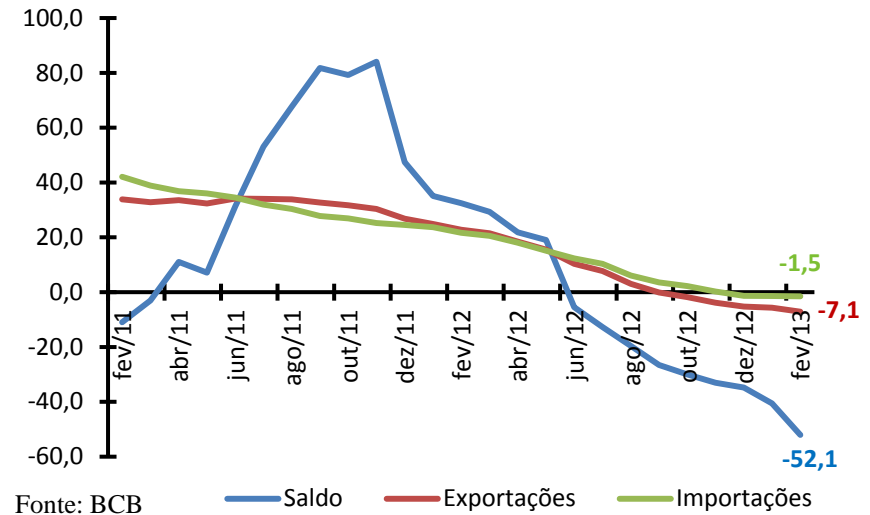
Com isso, conclui-se que nos dois primeiros meses de 2013, houve crescimento do déficit em Transações Correntes, entretanto, ao longo do ano as perspectivas são de moderação, em que pese a intensificação do ritmo de atividade doméstica, a melhora no superávit comercial e a moderação nas despesas com serviços. Vale enfatizar que o IED deverá seguir como a principal fonte de financiamento do déficit em transações correntes.

Fernanda Esperidião

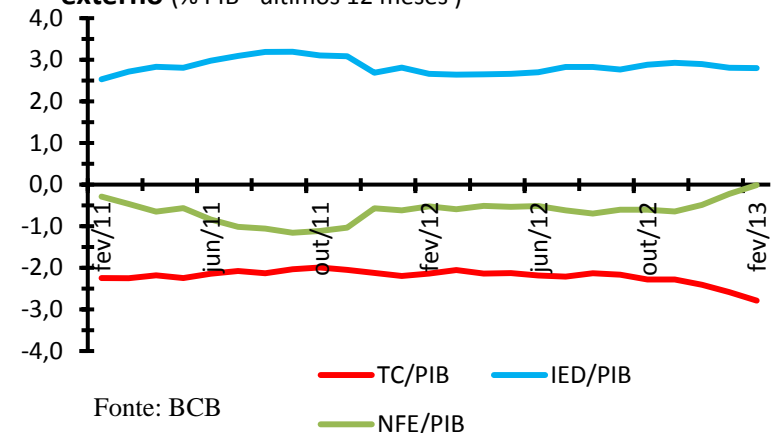
## 2.5 Setor Externo

**Gráfico 2.9 - Balança Comercial**

Variação (%) do acumulado em 12 meses



**Gráfico 2.10 - Necessidade de financiamento externo** (% PIB - últimos 12 meses)





### 3. Economia Sergipana

O desempenho da economia sergipana seguiu em termos gerais, no fechamento do período, a economia brasileira, tanto no caso do comércio quanto para os dados disponíveis da produção industrial.

No comércio varejista, a taxa de crescimento do Brasil atingiu 6,3%, no trimestre de novembro/2012 a janeiro/2013, em relação ao trimestre anterior, fechando em patamar similar ao de janeiro de 2012 (7,0%). Em Sergipe, houve também uma expansão, atingindo 3,6%, no trimestre de novembro/2012 a janeiro/2013, em relação ao trimestre anterior, mas nesse caso com reversão do que foi observado em janeiro de 2012 (-0,9%), como mostra a Tabela 3.1.

No comércio ampliado, as tendências praticamente se repetem, quando comparado ao comércio varejista. No Brasil, a taxa de crescimento chega a 6,3%, no trimestre de novembro/2012 a janeiro/2013, em relação ao trimestre anterior, fechando em patamar similar ao de janeiro de 2012 (5,1%). Em Sergipe, com a taxa de crescimento de 5,5%, no trimestre de novembro/2012 a janeiro/2013, há uma tendência ascendente, quando se compara a janeiro de 2012 (-1,1%).

No setor industrial, observou-se na produção de cimento, representativa do movimento da indústria de transformação, uma retração de -2,6%, nos últimos doze meses, como mostra o Gráfico 3.1. Esse comportamento segue a tendência recente do segmento de bens intermediários no Brasil. Já na indústria extrativa, a tendência ascendente da produção de petróleo foi revertida. Nos últimos doze meses, no dado fechado em janeiro de 2013, houve decréscimo tanto na produção de petróleo (-4,9%), quanto na produção de gás (-5,5%), do mesmo modo, seguindo a tendência de queda da indústria extrativa no Brasil.

José Ricardo de Santana  
Marco Antonio Jorge

### 3.1 Atividade Econômica

Tabela 3.1 - Volume de vendas no comércio

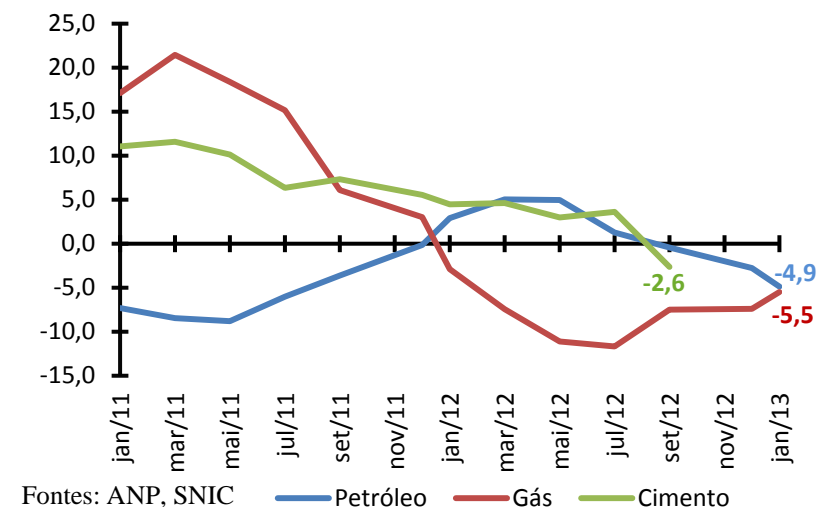
	Variação <sup>1/</sup> (%)				
	2012		2013		
	jan	abr	jul	out	jan
<b>Comércio varejista</b>					
Brasil	7,0	9,7	8,3	9,2	6,3
Sergipe	-0,9	7,4	5,5	6,9	3,6
<b>Comércio ampliado</b>					
Brasil	5,1	5,5	9,2	10,8	6,3
Sergipe	-1,1	4,4	8,8	10,9	5,5

Fonte: IBGE

1/Variação do trimestre encerrado no mês em relação ao trimestre encerrado no mesmo mês do ano anterior.

Gráfico 3.1 - Volume de Produção

Variação do acumulado em 12 meses (%)



### 3. Economia Sergipana

Foram fechadas no estado 123 vagas em fevereiro, totalizando um saldo líquido negativo de 146 empregos no primeiro bimestre encerrado neste mês, mas inferior ao saldo negativo acumulado do trimestre encerrado em janeiro (2.725). A redução do nível de emprego em fevereiro, porém, foi concentrada nos setores agropecuário e de comércio que fecharam 621 e 270 postos, respectivamente. Os setores de serviços e indústria de transformação, por sua vez, criaram 410 e 312 vagas no mês.

No acumulado do bimestre houve o fechamento de 146 vagas no estado. Os destaques negativos, novamente, foram o comércio e a agropecuária que extinguíram 829 e 693 postos de trabalho no período.

O custo da cesta básica em Aracaju subiu 2,85% no mês e 16,83% no primeiro bimestre de 2013. Se considerarmos o acumulado nos últimos doze meses, a alta é muito superior à inflação medida pelo IPCA para Brasil (6,3%) e Região Nordeste (7,4) no mesmo período. Ainda assim, Aracaju continua tendo a cesta mais barata – R\$ 238,40 – dentre as dezoito capitais abrangidas pela pesquisa do DIEESE em fevereiro.

Já os custos da construção civil caíram em termos reais, visto que subiram menos do que a inflação brasileira e nordestina: o m<sup>2</sup> ficou, em média, 5,3% mais caro em Sergipe nos doze meses encerrados em outubro, como pode ser visto na tabela 3.3.

Com a repactuação das tarifas de energia no País, a tarifa residencial de energia elétrica paga pelos moradores de 63 municípios sergipanos (âmbito de atuação da ENERGISA) caiu cerca de 18% em relação ao valor praticado no final de 2012, o que significa que o consumidor sergipano desembolsará até o final deste mês de abril o valor de R\$ 0,29003 com a tarifa residencial básica.

José Ricardo de Santana  
Marco Antonio Jorge

### 3.1 Atividade Econômica

**Tabela 3.2 - Evolução do emprego formal**

	2012				2013
	jan	abr	jul	out	jan
Saldo <sup>1/</sup> (unidades)	1.697	-992	2.054	6.442	-2.725
Variação <sup>2/</sup> (%)	-37,3	72,8	-48,7	-31,5	-260,6

Fonte: MTE

1/ Acumulado no trimestre encerrado no mês assinalado.

2/Variação do trimestre encerrado no mês em relação ao trimestre encerrado no mesmo mês do ano anterior

**Tabela 3.3 - Preços selecionados**

	Acumulados em 12 meses (%)				
	2012				2013
	fev	mai	ago	nov	fev
IPCA - Brasil	5,8	5,0	5,2	5,5	6,3
IPCA - Nordeste	5,7	5,4	5,6	6,4	7,4
Cesta básica (Aracaju)	2,7	3,0	5,3	7,5	12,2
Construção civil <sup>1/</sup> (SE)	6,8	6,9	6,3	5,8	5,3

	Variação no período (%)				
	2008	2009	2010	2011	2012
Tarifa residencial <sup>2/</sup> (SE)	-11,0	9,4	1,0	10,8	5,2

Fontes: IBGE, DIEESE, ANEEL

1/custo médio m<sup>2</sup> em moeda corrente

2/Valor vigente (kWh) entre 22/04/2012 e 21/01/2013. A partir de 22/01/13, houve redução de 11% na tarifa.

### 3. Economia Sergipana

O saldo das operações de crédito em Sergipe totalizou R\$13,3 bilhões em janeiro, elevando-se 3,8% no trimestre e 13,4% em doze meses. A carteira do segmento de pessoas físicas somou R\$8,0 bilhões, registrando variações respectivas de 3,05% e de 12,6% nas mesmas bases de comparação mencionadas. O saldo das operações no segmento de pessoas jurídicas alcançou R\$5,3 bilhões, expandindo-se 3,9% no trimestre e 14,8% em doze meses.

A inadimplência atingiu 3,78% em janeiro, elevando-se 0,40 p.p. em relação ao mesmo mês do ano passado. Para o segmento de pessoas físicas, a inadimplência alcançou 4,71%, expandindo-se 0,30 p.p. em relação a janeiro do ano passado. Nas mesmas bases de comparação, para o segmento de pessoas físicas, a inadimplência alcançou 2,30% e cresceu 0,58 p.p.

#### Considerações

O trimestre encerrado em janeiro de 2013 representa um ponto de inflexão no mercado de crédito em Sergipe. Primeiro, observa-se uma forte desaceleração do crédito: em comparação com a variação real média em 12 meses do ano de 2012, houve uma retração de cerca de 35%. Em segundo, o crescimento do crédito no segmento de pessoa jurídica ultrapassou o de pessoa física. Esta queda teve um impacto direto nos setores demandantes de crédito. Na comparação entre o trimestre encerrado em jan/13 com o trimestre encerrado em jan/12: o comércio varejista desacelerou-se, retração de 8,5% nos veículos vendidos. Na comparação com o trimestre anterior, financiamentos imobiliários caíram 68%.

Luiz Rogério de Camargos

### 3.2 Crédito

Tabela 3.4 - Evolução do Crédito (Sergipe)

	R\$ milhões						
	2012			2013		Variação real (%)	
	out	nov	dez	jan	3 meses <sup>1/</sup>	12 meses <sup>2/</sup>	
<b>Total</b>	12.704,0	12.897,0	13.343,0	13.331,0	3,3	13,4	
Pessoal física	7.633,0	7.762,0	7.940,0	8.017,0	3,0	12,6	
Pessoal jurídica	5.071,0	5.134,0	5.403,0	5.315,0	3,9	14,8	
<b>Imobiliário</b>	91,3	95,4	69,1	75,3	-26,1	37,9	
Aquisição	43,6	45,7	66,5	65,1	38,2	24,1	
Construção	47,6	49,7	2,6	10,2	-68,0	51,0	

Fonte: Banco Central

1/ Taxa de crescimento real em relação a ago-out12 (deflator, IPCA)

2/ Taxa de crescimento real em relação a fev11-jan12 (deflator, IPCA)

Tabela 3.5 - Taxa de inadimplência do crédito do SFN - SE

Percentual da carteira com atraso superior a noventa dias	%				
	2012				2013
	jan	abr	jul	out	jan
Pessoa física	4,41	5,13	4,99	4,85	4,71
Pessoa Jurídica	1,92	2,52	2,56	2,20	2,50
Total	3,29	4,02	3,97	3,75	3,78
<b>Variação<sup>1/</sup> em p.p (%)</b>					
Pessoa física	0,52	1,65	1,23	0,79	0,30
Pessoa Jurídica	-0,44	0,64	-0,09	0,18	0,58
Total	0,14	1,31	0,73	0,64	0,49

Fonte: Banco Central

1/Variação do mês em relação ao mesmo mês do ano passado.

### 3. Economia Sergipana

O estado de Sergipe apresentou diminuição nas exportações de janeiro de 2013 de aproximadamente 8,3% comparado com o mesmo período em 2012. Vale destacar que na análise do acumulado do ano, de janeiro a dezembro, o montante exportado por Sergipe foi o maior da série histórica, superando a marca alcançada em 2007, que era até então o maior volume exportado pelo estado. As vendas ao exterior, em 2012, foram 21,8% maiores, totalizando pouco mais de US\$ 149 milhões, enquanto as importações, no período citado, alcançaram US\$ 275 milhões (fonte MDIC). A balança comercial sergipana acumulou um déficit de US\$126 milhões. Os produtos mais exportados foram: suco de laranja, açúcar e calçados. O destaque de vendas foi o suco de laranja, congelado, não fermentado, que representou mais da metade (55,6%) do total exportado pelo estado. Outros principais produtos vendidos: água-de-colônia; pós-compactos; desodorantes corporais; secantes preparados; açucares de cana; beterraba e sacarose. No tocante à importação, os cinco principais produtos que se destacaram foram: trigo; diidrogeno-ortofosfato de amônio; coque de petróleo; eletrogeradores de energia eólica e sulfato de anômia. Por mercados de destino, no ano de 2012, destacaram-se as vendas para Holanda, principal comprador do suco de laranja, Suíça e a Argélia. Quanto aos fornecedores, os principais países que venderam para Sergipe em 2012, foram os estados unidos, a China, o Uruguai e a Argentina, que representam 55,6% do total importado pelo estado. Dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), apontou que, no primeiro bimestre de 2013, a venda de produtos sergipanos para o exterior somou US\$14,2 milhões. O montante mostrou-se menor em relação ao mesmo período do ano passado (-45,8%). Para as importações, que somaram US\$26,6 milhões, no período jan/fev 2013, houve recuo de 28,5%, em comparação com o primeiro bimestre de 2012. Desse modo, a balança comercial sergipana apresentou déficit de US\$12,4 milhões.

Fernanda Esperidião

### 3.4 Balança Comercial

**Tabela 3.9 - Exportação e Importação**

	2012				2013
	jan	abr	jul	out	jan
<b>Valor<sup>1/</sup>(US\$mil)</b>					
Exportação	35.522	49.568	24.386	41.242	32.564
Importação	68.142	64.194	62.153	95.565	54.618
Saldo	-32.620	-14.625	-37.766	-54.323	-22.055
<b>Varição<sup>2/</sup> (%)</b>					
Exportação	47,2	73,3	30,5	-0,8	-8,3
Importação	55,7	-30,1	-28,8	78,2	-19,8

Fonte: BCB

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/Varição do trimestre encerrado no mês em relação ao trimestre encerrado no mesmo mês do ano anterior